

## Verbetes

A seção verbete tem como conceito a idéia de que algumas palavras são conceitos complexos, cheios de possibilidades de leitura e, sobretudo, de expressão pessoal por autores que tenham expertise para redefini-los. Mesmo que a noção de verbete seja ancorada ao sonho da enciclopédia a orientação aqui é muito mais ligada um projeto aberto que vai acrescentando visões atualizadas aos estados da arte de conceitos e personagens. Valem entendimentos particulares de trilhas já muito cursadas e também vale exercitar a invenção na forma do texto. Em um certo sentido, Jorge Luis Borges é mais próximo dessa seção do que Diderot e D' Alembert . A prerrogativa da liberdade se estende inclusive à forma de apresentação das fontes e referências bibliográficas, que podem tanto acompanhar o formato acadêmico, quanto podem ser citadas informalmente no corpo do texto, ou ainda omitidas por completo, caso o autor considere que seu verbete deva ser lido assim. Os verbetes da Teoria e Cultura são o lugar de retomar antigas novas disputas sobre o que devemos, ou podemos, entender por certas palavras.



# Barroco

O Barroco, como estilo, caracteriza-se, principalmente, pela tensão entre termos contrastantes e por vezes antagônicos. O convite amoroso de Gregório de Matos – como de outros poetas seus contemporâneos – lembra a sua dama de seu futuro como caveira. Para o poeta, a glória divina está condicionada à salvação da ovelha desgarrada: “não queirais, pastor divino, / perder na vossa ovelha a vossa glória”. Enfatiza-se a importância do pecado como o que tornará a ovelha mais querida aos olhos do pastor, que deixará o rebanho no seu encalço, e o que dará à divindade uma oportunidade de glorificar-se. Nessa mesma direção, encaminha-se o *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, em que Pe. Antônio Vieira constrói seu argumento de maneira a pressionar seus protetores celestes. Dirigida a Maria, a preleção enfatiza que os holandeses, protestantes, não lhe têm o mesmo apreço que os católicos portugueses; e a vitória de Portugal é uma necessária prova de amor do Filho a sua mãe. Paradoxalmente, a divindade tudo pode, menos escapar das redes de argumentos tecidas pelo padre ou pelo poeta.

Talvez por o Barroco se caracterizar principalmente pelos contrastes que acentua, bem como por se distinguir radicalmente de outros estilos, Walter Benjamin começa sua explanação sobre Alegoria e Drama Barroco pelo que não é Barroco: “A apoteose barroca, ao contrário [da do Classicismo], é dialética” (Grifo nosso). Na mesma linha de raciocínio e de argumentação, o filósofo nos conduz na demarcação do conceito de alegoria por sua significação e abrangência no Barroco, observando que “As alegorias são, no reino dos pensamentos, o que são as ruínas no reino das coisas”, uma vez que, sobre a perfeição simbólica da natureza, incide a luz da teologia e, com ela, a presença da morte.

Diferentemente do Romantismo, o Barroco não explicita sua proposta estética através de programas, mas as obras literárias estão sempre cercadas de dedicatórias, prólogos, posfácios e comentários, textos que Benjamin chama de “molduras ornamentais sobrecarregadas”.

Nesse desenho, a história faz sua incursão como escrita, testemunhando a perene decadência, o que descortina outra característica barroca que é mostrar os andaimes, os artifícios e previsíveis ruínas de cada construção. Para Calderón de la Barca, mencionado por Benjamin e citado por Chico Buarque no título de uma de suas canções: ... “toda la vida es sueño, / y los sueños, sueños são”.

Uma das características da música barroca é a construção de cânones e de fugas. Nos dois casos, a repetição do tema transmite a sensação de infinitas molduras para o vazio ou para o silêncio, como um espelho frente a outro espelho. Hofstadter, por exemplo, compara a obra de Bach aos desenhos de Escher ou ao teorema da incompletude, de Gödel, e destaca a maneira como o compositor se utiliza da recursividade, especialmente na “Oferenda musical”, em que o tema se repete simetricamente invertido.

Embora o termo “barroco” apareça até hoje, nos dicionários, com conotações pejorativas, o século XX promoveu sua revalorização, talvez porque a contemporaneidade tenha sido pensada por muitos como Neobarroca. Para Afonso Ávila, por exemplo, *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, retoma o Quixote na figura de Riobaldo, cavaleiro andante que percorre o sertão “num dilaceramento existencial seiscentista entre as forças de Deus e as da terra”. (“Brasil: Do Barroco ao Neobarroco: Três Reflexões”).

Já as artes plásticas são palco privilegiado para a contemplação desse estilo cujo maior apelo é visual. Na então incipiente terra brasileira, esplendor e simplicidade se encontram num mesmo nicho arquitetônico, bem como beatitude e contrição. Nas montanhas de Minas está incrustada a obra do Aleijadinho, que, coincidentemente, vai esculpindo suas imagens enquanto seu próprio corpo se arruína. Ainda que tardias, as manifestações do Barroco na produção estética mineira darão testemunho e emprestarão suas feições à fundação deste território, à época recém incorporado à colônia portuguesa.

Finalizando estas anotações, cabe observar que são sobretudo fragmentárias, não porque tentem reproduzir o tema sobre o qual discorrem, mas por ser essa uma característica de um verbete, ele próprio fragmento do universo que pretende representar.

Mariângela de Andrade Paraizo  
Professora e Doutora em Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais